

Teo  
Lite  
rária

Arquivo recebido em  
1 de outubro de 2012  
e aprovado em  
29 de novembro de 2012

V. 2 - N. 4 - 2012

\* Possui graduação em Letras Neolatinas pela Universidade de São Paulo (1958) e doutorado em Literatura Italiana pela Universidade de São Paulo (1964). Livre-docente de Literatura Italiana (1970). Atualmente é Professor Titular Aposentado e Professor Emérito de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Membro

da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Lexicografia e da Comissão de Publicações da Academia Brasileira de Letras. Coordenador do Conselho da Cátedra Lévi-Strauss mantida pelo Convênio entre o Instituto de Estudos Avançados e o Collège de France. Principais trabalhos publicados: *História Concisa da Literatura Brasileira*. 47ª ed. São Paulo: Cultrix, 2011; Machado de Assis. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011; *Reflexões sobre a Arte*. 7ª edição, 10ª impressão. São Paulo: Ática, 2010; *Ideologia e Contraideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; *Colony, cult and culture*. Dortmund: University of Massachusetts, 2008; Machado de Assis. *O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 1999 (Prêmio Jabuti de 2000 de Melhor Ensaio de Crítica Literária); *Dialética da Colonização*. 4. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996; *Leitura de Poesia*. São Paulo: Ática, 1996; *Céu, Inferno*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 3. ed., Editora 34, 2010; *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977 entre outros.

DOI - 10.19143/2236-9937.2012v2n4p11-28

## A POESIA PODE SER UMA FORMA INTUITIVA DE PENSAMENTO TEOLÓGICO

The Poetry as intuitive way  
of Theological Thinking

Alfredo Bosi\*

### Resumo

O presente artigo visa apresentar, a partir das categorias do pensamento de Benedetto Croce, como a poesia é capaz de apreender a verdade das coisas de forma intuitiva, e assim fomentar o pensamento crítico. A aplicação desta forma intuitiva de pensamento teológico será apresentada no Cântico delle Creature de São Francisco de Assis, texto de capital importância para a Literatura Italiana e fonte de inspiração para a Teologia Bonaventuriana.

**Palavras-chave:** Teologia e  
Literatura, Poesia, Literatura Italiana,  
Intuição

## Abstract

This paper aims to present, from the categories of Benedetto Croce's thought, as poetry is able to grasp the truth of things intuitively and thereby is catch to imagination to critical thinking. The application of this intuitive form of theological thought will be forthcoming in *Cantico delle creature* of Saint Francis of Assisi, a text of considerable importance for Italian Literature and source of inspiration for Saint Bonaventure's Theology.

**Keywords:** Theology and Literature, Poetry, Literature Italian, Intuition.

## Introdução

**A**s relações entre o poema de inspiração religiosa e o discurso teológico podem ser pensadas usando a analogia com a relação que se pode estabelecer entre imagem e conceito, ou ainda, nos termos de Bergson, entre intuição e entendimento<sup>1</sup>. Vale lembrar também a excelente definição do filósofo Benedetto Croce: "*Poesia é um complexo de imagens e um sentimento que o anima*"<sup>2</sup>. Intuição e emoção fundem-se em todo autêntico poema, o que o diferencia dos discursos em que prevalecem razões e argumentos lógicos.

Como exemplo, basta comparar o Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis (composto provavelmente em 1224, dois anos antes da morte do Poverello) e os textos teológicos de São Boaventura, doutor da Igreja e franciscano. Ainda que a inspiração fundamental, mística ou ética, possa ser a mesma, as formas e a intensidade emocional são manifestamente diversas. O exemplo do Cântico das Criaturas pode servir-nos de guia para entender certas características peculiares da poesia religiosa.

1. BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. 1988.

2. "Se si prende a considerare qualsiasi poema per determinare che cosa lo faccia giudicar tale, si discernono allá prima, costanti e necessari, due elementi: un complesso d'immagini e un sentimento che lo anima" cf. BOSI, Alfredo. *Caminhos entre a Literatura e a História* In Estudos Avançados, ano 19, v. 55, 2005, p. 316-317.

## 1. São Francisco de Assis (1182 – 1226)<sup>3</sup>

Francisco nasceu no fim do século 12, quando se estabelecia na Itália o mundo da cidade e do mercado, mundo paralelo ao que restava de feudal no campo. A alta Idade Média, que começara no século V, com a desagregação do Império Romano, que era urbano, e a criação da estrutura feudal, repousava na agricultura de sobrevivência. Os mosteiros beneditinos, criados entre o século 6 e o século 12, eram feudos autossuficientes, onde se plantava a uva, se fazia o vinho, se plantava o trigo, se moía a farinha, se fazia o pão, se criavam carneiros, se fazia a lã, se criavam cabras, se tirava o leite e se fazia o queijo, criavam-se aves em granjas e se recolhiam os ovos.. Esse universo estava imerso na natureza e vivia como que inconscientemente às expensas da natureza, cultivando-a, sem tomá-la como **o outro**, digno de espanto ou veneração.

Com o renascimento urbano nos séculos 12 e 13, em parte devido ao movimento das Cruzadas, as cidades se tornaram centros ativos de economia e de poder, centros paralelos aos das abadias feudais. Estas, por sua vez, em virtude da explosão demográfica dos séculos 11 e 12, começaram a produzir mais e a viver como fonte dos alimentos e matérias-primas da cultura urbana. Os mosteiros enriqueciam com o aumento da produção: daí, a necessidade de se valerem dos irmãos conversos mediante uma paga módica de salários, cuja prática já significava uma alteração da relação senhor-servo da alta Idade Média. Trata-se da longa fase de transição da economia pré-capitalista feudal para a economia capitalista mercantil; fase que começa mais cedo na Itália e na Holanda, mas que logo irá atingir as nações-estado como a França, a Inglaterra e Portugal.

Nas cidades, o dinheiro, fornecido pelos cambistas, primeiros banqueiros, começava a ser usado como veículo de troca e do consumo alto. O luxo das roupas e das casas dos grandes cresceu enormemen-

3. Para a fonte biográfica moderna se utilizou aqui o trabalho *São Francisco de Assis* de Le Goff.

te, como se pode ver nas pinturas da burguesia florentina, milanese e veneziana. Veludos e sedas começam a ser importados de Flandres ou do Oriente.

Não por acaso, quando os teólogos morais austeros quiseram rever o elenco dos pecados mortais, colocaram a *avareza*, como ganância de dinheiro e acúmulo de mercadorias, em primeiro lugar, ao passo que a *soberba*, que ocupava a primazia na classificação tradicional, remedia de preferência ao excesso de poder, ao orgulho de mandar, atitudes próprias da sociedade feudal fechada, de que era parte importante o mosteiro comandado por um Abade todo poderoso. A idolatria do dinheiro e dos seus bens começa a ser vista como pecado capital por excelência, superando o abuso político do poder religioso, de que a Ordem Beneditina dava exemplo não só por força da sua regra interna rígida como pela sua ostensiva aliança com o papado. Para este mundo cobiçoso de bens materiais, voltava a ser oportuna a advertência de São Paulo na *Epístola a Timóteo*, 6,10: **A avareza é a raiz de todos os males**. . A Bíblia de Jerusalém e as versões protestantes populares falam abertamente em “amor ao dinheiro”, como expressão equivalente a avareza, ganância, cupidez<sup>4</sup>.

Francisco assume aquilo que Joergensen, citando Verlaine, chamou de “A vida humilde dos trabalhos aborrecidos e fáceis”, uma vida repartida entre “o trabalho manual diário e a oração noturna solitária, e depois ainda a missa e a comunhão no recolhimento matutino, nas capelas e nas igrejas ao longo das estradas, e nas solidões dos montes”<sup>5</sup>.

Nesse contexto de ascese Francisco procura “barrar as falsas e interminas trilhas da cobiça”, como responde ao bispo de Assis: “Senhor, se nós possuíssemos bens, seríamos forçados a ter, ao mesmo tempo, armas para protege-los” (Francisco, ao Bispo de Assis in FF) assumindo

---

4. Para quem acredita (como eu acredito) que toda cultura contém em si um lado dominante e um lado dominado, contraditório, é exemplar essa simultaneidade dos primeiros bancos da Europa com a recusa da acumulação monetária.

5. JOERGENSEN, Johannes. *Vita de Francesco d’Assisi*, p. 196.

assim, o trabalho manual da vida laica<sup>6</sup>:

“Eu trabalhava com as minhas mãos, como pretendo continuar a fazer; e é minha firme vontade que todos os outros frades se empreguem em algum trabalho honesto. Os que não sabem trabalhar, aprendam, não por cupidez de serem recompensados do que fizeram, mas para darem bom exemplo e fugirem do ócio. E, quando não nos derem a recompensa do nosso trabalho, recorramos à mesa do Senhor, implorando de porta em porta a caridade”.

Essa laicidade foi uma das características originais do movimento franciscano, isto é, a vida ao mesmo tempo religiosa e difundida no mundo dos não-clérigos. São Francisco teria ido a Roma, a primeira vez, em 1210, com o fim de pedir ao papa que permitisse aos leigos pregar o Evangelho. Essa permissão lhe foi dada por Inocêncio III, só no segundo encontro: no primeiro, o papa e os cardeais advertiram S. Francisco da impossibilidade de viver em pobreza absoluta; no segundo, após um sonho em que o papa viu a igreja de São Pedro vacilar e prestes a desmoronar, mas sustentada por um fradezinho pobre e humilde, o santo conseguiu o consentimento do pontífice, que logo reconheceu nele o homem que poderia salvar a Igreja da ruína iminente...

Tratava-se de um momento em que leigos como Pedro Valdo e outros começavam a espalhar heresias que inquietavam a Igreja, mas, em relação a S. Francisco, desde cedo percebeu-se que a ortodoxia e o poder eclesiástico seriam respeitados.

Também como uma reação contrária à busca de riqueza de seu tempo, recusando o prestígio dos cargos de autoridade<sup>7</sup>:

“Nenhum dos frades que servir ou trabalhar em casa alheia deverá ser tesoureiro ou escrivão, nem desempenhar ofícios que lhe deem autoridade sobre os outros...; mas ao contrário, deverá ser mais pequeno que os outros – *minores* – e sujeito a todos da casa”.

6. Cf. Testamento in FF, p. 137.

7. Primeira Regra (non bullata), capítulo VIII in FF.

Mesmo o trabalho deveria ser recompensado em espécie de diferentes gêneros que não o dinheiro, com exceção das ocasiões de doença, ou para dar de esmola a leprosos:

“O Senhor diz-nos no Evangelho; *Guardai-vos atentamente de toda avareza e dos cuidados da vida presente*. Em consequência, nenhum dos frades, em qualquer lugar onde se ache ou aonde vá, poderá de modo algum aceitar ou deixar aceitar dinheiro, nem para vestes, nem para livros, nem como remuneração de trabalho, nem por algum outro motivo qualquer, salvo se, no caso em que um frade estiver doente, e o dinheiro for indispensável para o assistir. [...] Todavia os frades poderão recolher dinheiro para os leprosos, quando não tiverem outro meio para os assistir; mas deverão escrupulosamente resguardar-se do dinheiro”.

A beleza da natureza substituía o conforto da riqueza, sendo ela o lugar por excelência para a habitação dos frades, devendo estes viver em cabanas de redes entrelaçadas, rebocados de lodo e cobertas de folhas (pau-a-pique)<sup>8</sup>.

*A natureza passa a ser aproveitada, apropriada, usada como matéria prima do consumo*. Ela é apenas um instrumento, mais nada. Quando aparece nas pinturas, é simples sinal de decoração. Pano de fundo. Entretanto, é hipótese provável que essa natureza-outro, natureza-instrumento, própria da cultura burguesa nascente, fosse vista, por um espírito original e místico, como o do jovem Francisco, como algo a ser descoberto, admirado e cantado, tanto mais que a relação do mercador com a natureza se tinha convertido em uma relação extrínseca, de pura utilidade.

O culto da Senhora Pobreza, de raízes cavaleirescas e cortesias (Francisco conhecia a poesia dos trovadores franceses) é ao mesmo

---

8. Quando mais tarde, os frades se afastaram da austeridade primitiva, construíram-se conventos e, não por acaso, foram chamados de “conventuais”, os frades desse ramo tido como “menos rigoroso”.

tempo, e dialeticamente, uma resposta radical ao culto da Riqueza, que já se impunha nessa sociedade de opulentos mercadores, como o pai de Francisco, negociante de tecidos e em cuja casa penavam os trabalhadores no meio das tintas que serviam para tingir sedas e lãs. O filme de Zeffirelli sobre a vida de São Francisco mostra belamente essa proximidade de ricos e pobres na casa-oficina dos Bernardone. Proximidade meramente espacial, mas separação social radical. São Francisco, chamando para seguir o Evangelho tanto leigos como clérigos, tanto pobres como ricos, tanto homens como mulheres, sem distinções de classe e gênero, inaugurou a primeira comunidade religiosa democrática desse fim da Idade Média. Democracia, do ponto de vista das relações de poder. Ambientalismo, do ponto de vista do respeito à Natureza. Anticonsumismo radical do ponto de vista da pobreza: Eis o legado de Francisco: *Democracia, Ambientalismo, Anticonsumismo (Pobreza)*.

O mosteiro beneditino da Alta idade Média formava uma comunidade em que vigorava o *Ora et labora*: a dos monges e dos leigos que os auxiliavam nas fainas do campo. É verdade que essa comunidade vai desaparecer com o enriquecimento dos mosteiros e a transformação dos conversos em proletários.

É sintomático que, reagindo contra a vida burguesa da sua família, Francisco vai formar uma comunidade de despojados, os *mendicantes*, a primeira célula do que será a Ordem dos Frades Menores. Frade, do latim “Frater”, isto é, irmão, e não monge (do grego, “monakhós”, homem que vive só, solitário).

É sintomático também que, em reação ao sistema de poder dos novos beneditinos, o jovem Francisco, imediatamente depois de sua conversão e iluminação, tenha desejado voltar à vida, até certo ponto livre, do período dos anacoretas, que precedeu, nos primeiros séculos, a Regra de São Bento. São Francisco e seus primeiros discípulos amavam rezar e meditar na solidão dos bosques da Umbria e da Toscana.

O culto da pobreza foi seguido pelos Frades Espirituais, ou Observantes, em contraposição aos Conventuais, que acabaram tendo a hegemonia na ordem franciscana. São Francisco, em suas pregações pelas cidades da Itália, não consentia na criação de casas de franciscanos, tendo-se recusado a pregar na Casa de Bolonha, construída à sua revelia. A sua direção não foi seguida depois de sua morte se não por aqueles raros observantes. A quantidade dos discípulos terá, a certa altura, afetado a qualidade da primeira prática franciscana? Ou devemos concordar com a observação de Gramsci segundo a qual São Francisco teria sido “um cometa” na história do Cristianismo, e não uma estrela em torno da qual girariam os planetas que dele receberiam luz e calor...

No SPECULUM PERFECTIONIS, atribuído a Fr. Leão<sup>9</sup>, há uma narrativa do momento que precede a elaboração do Cântico das Criaturas:

“São Francisco era particularmente grato a Deus pela criação do Sol e do fogo.” “Pela manhã, quando o sol se levanta, todos deveriam louvar a Deus que criou q astro em seu benefício, pois é a ele que devem a possibilidade de VER todas as coisas. E no final da tarde, quando a noite chega, todos os homens deveriam louvar a Deus pela criação do nosso irmão, o fogo, que dá luz aos nossos olhos durante a escuridão. Porque, pelo nascimento, como todos cegos, mas Deus empresta sua luz aos nossos olhos por intermédio desses dois irmãos” (Speculum perfectionis, cap. 119).

Ainda no Speculum:

“Por isso desejo em honra a Deus, para nosso consolo e para edificação do próximo, compor um novo canto de louvor sobre essas criaturas do Senhor que usamos a cada dia, e sem as quais não poderíamos absolutamente viver, e das quais, apesar disso, somos sempre levados a fazer mau uso, com o que afligimos e magoamos nosso Criador. . Somos porém sempre ingratos, não pensamos na graça e em todos os benefícios que

---

9. Todos os textos das *Fontes Franciscanas* serão extraídos de **Escritos e Biografias de São Francisco de Assis – Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**, da qui por diante citado por FF.



nos cabem, e nos descuidamos de agradecer, como deveríamos, ao nosso Criador, que nos deu todos esses belos presentes!” (Speculum perfectionis, cap. 119).

Depois de dizer isso, sentou-se e pôs-se a refletir. No momento seguinte, os irmãos ouviram-no entoar os primeiros versículos do Cântico do Sol: “Altissimu, ommipotente, bon Signore”.

## 2. O Cântico das criaturas no gênero dos Salmos

A natureza como então cantada nos mosteiros beneditinos é aquela dos Salmos, aquela que louva a Deus. Assim uma leitura que foi feita do *Cântico* é a que vê nele uma variante do Salmo 148 em que o salmista exorta toda a terra e os céus a louvarem o Senhor, lahveh:

“Louvai a lahveh no céu, louvai-o nas alturas; louvai-o todos os anjos, louvai-o, seus exércitos todos!  
Louvai-o, sol e lua, louvai-o, astros todos de luz,  
louvai-o, céus dos céus e águas acima dos céus!  
Louvem o nome de lahveh, pois ele mandou e foram criados.  
fixou-os eternamente, para sempre, deu-lhes uma lei que jamais passará.  
Louvai a lahveh na terra, monstros marinhos e abismos todos,  
raio e granizo, neve e bruma, e furacão cumpridor da sua palavra;  
Montes e todas as colinas, árvore frutífera e todos os cedros,  
fera selvagem e o gado todo, réptil e pássaro que voa...”

No Final do salmo 150 se fixa o conteúdo semântico do final de todos os Salmos: “Que todo ser que respira louve a lahveh! Aleluia!” ainda que com acentos e estilos diferenciados como nos Salmos 96 (Terra inteira, cantai a lahveh!), 97 (Que a terra exulte as ilhas numerosas fiquem alegres! o céu anuncia a sua justiça...), 98 (Aclamai ao Senhor a terra inteira... Estronde o mar e o que ele contém, o mundo e os seus habitantes. batam palmas os rios todos e as montanhas gritem de alegria), 100 (Aclamai o

## Senhor a terra inteira)

No Salmo 103(104), se canta o esplendor da criação. As obras são enumeradas e exaltadas porque Deus as criou. É possível talvez entrever neste Salmo o reconhecimento da ação criadora de Deus em todo o universo. O sujeito é sempre lahweh admirável nas suas obras:

“Bendize a lahweh, ó minha alma!  
lahweh, Deus meu, como és grande:  
vestido de esplendor e majestade,  
envolto em luz como num manto,  
estendendo os céus como tenda,  
construindo sobre as águas tuas altas moradas;  
tomando as nuvens como teu carro,  
caminhando sobre as asas do vento,  
fazendo dos ventos os teus mensageiros,  
das chamas de fogo os teus ministros!  
Fazes brotar fontes d’água pelos vales,  
elas correm pelo meio das montanhas,  
dão de beber a todas as feras do campo,  
e os jumentos selvagens matam a sede,  
junto a elas as aves do céu se abrigam  
desferindo o seu canto por entre a folhagem.  
Das tuas altas moradas regas os montes,  
e a terra se sacia com o fruto de tuas obras;  
fazes brotar relva para o rebanho  
e plantas úteis ao homem,  
para que da terra ele tire o pão  
e o vinho, que alegra o coração do homem;  
para que ele faça o rosto brilhar com o óleo,  
e o pão fortaleça o coração do homem”.

No primeiro caso (salmos 148 et alii) os céus louvam a Deus, Ele é criador de tudo quanto existe sobre a terra e tudo quanto faz bem ao homem. A ênfase recai no poder absoluto de Deus, que se manifesta na beleza e na utilidade da criação.

O Cântico dos três jovens na fornalha ardente entronca-se no *topos*: os céus devem bendizer ao Senhor, e com os céus toda a

criação, como no *Cântico dos Três Jovens* na fornalha ardente (Livro de Daniel 3, 52-90) em que sol e lua, frio e calor, luz e trevas devem bendizer o Senhor, louvai-o e exaltai-o por todo o sempre.

### 3. O Cântico delle creature de São Francisco de Assis

Altissimu onnipotente bon Signore,  
Tue so' le laude, la gloria e l'honore et onne benedictione.  
Ad Te solo, Altissimo, se konfano,  
et nullu homo ène digno te mentovare.

Laudato sie, mi Signore, cum tucte le Tue creature,  
spetialmente messer lo frate Sole,  
lo qual è iorna, et allumini noi per lui.  
Et ellu è bellu e radiante con grande splendore:  
de Te, Altissimu, porta significatione.

Laudato si', mi Signore, per sora Luna e le stelle:  
in celu l'ai formate chiare et pretiose et belle.  
Laudato si', mi Signore, per frate Vento  
et per aere et nubilo et sereno et onne tempo,  
per lo quale a le Tue creature dài sustentamento.

Laudato si', mi Signore, per sor Aqua,  
la quale è multo utile et humile et pretiosa et casta.  
Laudato si', mi Signore, per frate Focu,  
per lo quale ennallumini la nocte:  
et ello è bello et iocundo et robustoso et forte.

Laudato si', mi Signore, per sora nostra matre Terra,  
la quale ne sustenta et governa,  
et produce diversi fructi con coloriti fiori et herba.

Laudato si', mi Signore, per quelli che perdonano per lo Tuo amore  
et sostengono infirmitate et tribolatione.  
Beati quelli ke'l sosterranno in pace,  
ka da Te, Altissimo, sirano incoronati.

Laudato si', mi Signore, per sora nostra Morte corporale,  
dalla quale nullu homo vivente po' skappare;  
guai a quelli ke morrano ne le peccata mortali;  
beati quelli ke trovarà ne le Tue sanctissime voluntati,  
ka la morte secunda no'l farrà male.

Laudate et benedicite mi Signore et rengriate  
e serviteli com grande humilitate<sup>10</sup>.

Os 4 primeiros versos elevam-se à transcendência absoluta do Senhor, que é louvado como ALTÍSSIMO ONIPOTENTE, adjetivos que conotam poder, assim como o nome SENHOR, que é,

---

10. CANTICO DELLE CREATURE (em italiano moderno)

Altissimo, onnipotente, buon Signore,  
Tue sono le lodi, la gloria e l'onore  
e ogni benedizione.

A Te solo, Altissimo, si confanno,  
e nessun uomo è degno di Te.

Laudato sii, mio Signore,  
per tutte le creature,  
specialmente per messer Frate Sole,  
il quale porta il giorno e per lui ci illumini,  
ed esso è bello e raggianti con grande splendore:  
di Te, Altissimo, porta significazione.

Laudato sii, mio Signore,  
per sora Luna e le Stelle:  
in cielo le hai formate  
chiare e preziose e belle.

Laudato sii, mio Signore, per frate Vento  
e per l'Aria, le Nuvole, il Cielo sereno e ogni tempo  
per il quale alle tue creature dai sostentamento.

Laudato sii, mio Signore, per frate Fuoco,  
con il quale ci illumini la notte:  
ed esso è bello e giocondo e robusto e forte.  
Laudato sii, mio Signore, per sora nostra madre Terra,  
la quale ci sustenta e governa,  
e produce diversi frutti con coloriti fiori e erba.

Laudati sii, mio Signore, per quelli che perdonano per il Tuo amore  
e sostengono infermità e tribolazione.  
Beati quelli che le sosterranno in pace,  
perché da Te, Altissimo, saranno incoronati.

Laudato sii, mio Signore, per sora nostra Morte corporale,  
dalla quale nessun uomo vivente può scappare:  
guai a quelli che moriranno nei peccati mortali;  
beati quelli che si troveranno nelle Tue santissime volontà,  
perché la morte seconda non gli farà male.

Laudate e benedite il Signore e ringraziatelo  
e servitelo con grande umiltà. Cf. **I Fioretti di San Francesco**, 2003.

de todo modo, acompanhado pelo adjetivo BOM, que conota benevolência e caridade para com as criaturas. Mas o verso seguinte reforça a transcendência divina e a sua onipotência, pois TEUS SÃO OS LOUVORES, A GLÓRIA, A HONRA E TODA A BENÇÃO, que, só a TI, Altíssimo, competem. A distância entre o Altíssimo e o ser humano é sublinhada no quarto verso: E NENHUM HOMEM É DIGNO DE TE MENCIONAR, reiterando neste último verbo a proibição bíblica de nomear a Deus, ou seja, dizer o seu santo nome. É possível dizer, por hipótese, que esta quadra inicial retoma rigorosamente a linguagem do Antigo Testamento e certamente as orações monásticas, inclusive beneditinas, que permeavam a liturgia da Alta Idade Média e a liturgia bizantina. A criatura reconhece o seu nada perante o Absoluto.

Na estrofe seguinte, a transcendência, em vez de pairar acima de toda criatura, como que desce ao universo criado para que ambos. O Criador e a criatura, recebam o louvor do cântico. Teocentrismo e naturalismo, teocentrismo e humanismo parecem encontrar um lugar comum, e esse lugar é o da oração franciscana.

LOUVADO SEJAS, MEU SENHOR, COM TODAS AS CRIATURAS.

Repare-se na importância semântica deste COM, preposição que junta, que indica convivência, companhia, comunidade. Não por acaso, este cântico é o primeiro poema escrito em língua italiana, isto é, escrito em língua que não é o latim eclesiástico. Um italiano falado na Úmbria, terra de São Francisco. Uma língua compreendida por todos, até os mais humildes dos seus conterrâneos. E devemos lembrar que os primeiros seguidores do jovem converso cantavam esses louvores pelas ruas e estradas da Úmbria e da Toscana: poesia e música se enlaçavam criando uma atmosfera de devoção e adoração fora dos muros dos mosteiros e das igrejas. A natureza era parte e cenário dessa nova forma de arte.

ESPECIALMENTE O SENHOR IRMÃO SOL

SPETIALMENTE MESSER LO FRATE SOLE

A prioridade dessas “criaturas todas” é dada ao Sol. Mas é preciso atentar para os nomes que precedem a nomeação do Sol, *messer* e *lo frate*. *Messer* é precisamente a versão italiana arcaica do francês *Monsieur*. *Messer* está um grau abaixo de *Misignore*, que denota o nome do Senhor divino. O fato de dizer “ser” (o mesmo que o inglês “sir”) é um sinal de reconhecimento de uma senhorilidade, uma antiguidade (ser, da raiz *sero* latina, que significa tardio, idoso) que deve ser respeitada. O sol é louvado como a primeira e mais arcana fonte de luz e calor em todas as religiões. Mas a originalidade de São Francisco não está em retomar a expressão de veneração em face do astro-rei, mas em introduzir a idéia de irmandade ou fraternidade. O sol não é só *Messer*, mas *Lo Frate*. É extraordinária essa convivência do que está mais alto do que os homens (Senhor) com o que está à altura do homem (irmão).

Remontando ao verso anterior, já temos essa comunidade do divino e do criado, do supernatural e do natural, comunidade inclusiva, democrática: “com todas as criaturas”, todas, e não apenas as que serão nomeadas em seguida.

Mas voltemos à prioridade do Sol: ele não é apenas nomeado, senhor e irmão: há um desdobramento ativo nos versos seguintes:

LO QUALE IORNO ET ALLUMINI NOI PER LOI,

ET ELLJU É BELLU E RADIANTE COM GRANDE SPLENDORE

DE TE ALTISSIMU PORTA SIGNIFICAZIONE

A tradução não pode aqui ser literal. O qual “nos dá o dia”, isto é, e “nos ilumina”.

“e ele é belo e radiante com grande esplendor,  
de ti, Altíssimo, toma significado”.

Mais uma vez há, ao lado do esplendor da natureza, no caso, ao lado da beleza radiosa do Sol, o reconhecimento de que a significação (a importância) do Sol vem de Deus, ou, em outra versão, o Sol é testemunho (traz significação) de Deus. Significação quer dizer, sinal vivo, e este sinal remete à fonte da sua existência. Os céus dão testemunho da Criação.

Há que se pensar o PER nos seus dois significados possíveis. O louvor que se deve a Deus aparece, em seguida, motivado por outras criaturas da Natureza, todas irmãs: a irmã Lua, as irmãs estrelas, o irmão vento, a irmã água, o irmão fogo, a irmã terra. Esta última é, ao mesmo tempo, irmã e mãe...

Os intérpretes do Cântico divergem sobre o significado da preposição PER, e não é ociosa a questão de saber qual é a solução verdadeira. As duas interpretações: ou PER é preposição que o italiano substituiu, mais tarde, por DA, agente da passiva. Ou PER é preposição que significa: por causa de, por conta de, graças a.

Na primeira interpretação, teríamos: Sejas louvado, ó Senhor, pela irmã Lua, pelas irmãs estrelas, pelo irmão vento, pela irmã água, pelo irmão fogo, pela irmã e mãe Terra. Voz passiva de - A irmã lua louve o Senhor, as irmãs estrelas louvem o Senhor... no espírito dos Salmos: toda terra louve ao Senhor.

Na segunda interpretação, teríamos: Sejas louvado, ó Senhor, porque criaste a irmã Lua, porque criaste as irmãs estrelas, porque criaste o irmão vento... Essa seria uma nova forma de louvar ao Senhor, colocando ênfase especial no valor em si que tem a Natureza, e, reconhecendo esse valor, encarecendo esse valor, louvamos o Criador que fez a Lua, as estrelas, o vento... Isto é, talvez pela primeira vez, Deus é louvado, não diretamente pela natureza, mas pelos homens que o consideram louvável e adorável *por ter criado a Natureza*. É como se um viajante, extasiado com a beleza de uma paisagem primaveril, contemplando as flores e as árvores viçosas, exclamasse: Que maravilha! Louvado seja

Deus por ter criado essa natureza!

O Cântico inicialmente terminava com “E servi-o com grande humildade”. Um pouco mais tarde, voltando a Assis, Francisco encontrou o bispo e o potestade em luta feroz. Para reconciliá-los, acrescentou duas estrofes, fazendo com que seus irmãos as cantassem: “Louvado sejas.... por Ti, Altíssimo”. Enfim, quando soube pelo médico que seus dias estavam contados, acrescentou ainda duas estrofes:

“Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a Morte corporal, de que nenhum homem vivo pode fugir.  
Infelizes somente os que morrerem em pecado mortal,  
mas bem-aventurados os que ela encontrar em tua santa vontade.  
Porque a segunda morte não lhe poderá fazer mal algum”.

Durante o dia que precedeu a sua morte, São Francisco repetiu as últimas estrofes e todos cantaram. Mas ao anoitecer do sábado, 3 de outubro, cantou sozinho o salmo 142, Com minha voz clamei ao Senhor. E recebeu a morte cantando: “Morte cantando sucepit”. A Morte, também chamada irmã e que é porta para a eternidade cujo sentido depende de nós.

### 3. A teologia franciscana tributária da poesia de Francisco

São Boaventura de Bagnoregio (1221-1274) foi o teólogo franciscano mais próximo da pessoa e da obra de S. Francisco. Sua obra *Itinerário da mente até Deus*, mantém uma estreita relação entre a mística franciscana presente na poesia de Francisco e o labor do teólogo.

A primeira etapa do *Itinerário místico* de São Boaventura é a *contemplação dos sinais* (marcas, vestígios, pegadas) que a divindade deixou nos fenômenos da Natureza extraídos do Cântico no *DE TE ALTISSIMO PORTA SIGNIFICATIONE* (*sinal, testemunho*). Toda a criação é sinal ou símbolo da potência, da beleza e da ordem que vêm do seu Criador. Essa é uma leitura possível do Cântico das Criaturas, pois São Francisco louva o Senhor pela (*por causa de*) existência das coisas criadas.

São Francisco louva ao Senhor porque reconhece os seus vestígios



ou pegadas na excelência das criaturas que vai contemplando. São Boaventura irá dizer o mesmo em linguagem de itinerário místico: a contemplação da natureza é o primeiro passo para a ascensão da alma a Deus. Assim, o deslumbramento se faz caminho da imanência para a transcendência. Não se trata, salvo melhor juízo, de uma meditação centrada na beleza da natureza em si, ela é simplesmente obra da Criação divina.

Ao mesmo tempo o *Cântico* na medida em que poetiza a intuição teológica dos fundamentos da natureza desdobra em uma ecologia franciscana que abrange toda a realidade. A poesia de São Francisco, é uma exaltação da con-vivência: do homem com a Natureza, do homem com Deus e, naturalmente, do homem como o próximo.

Nesse sentido a espiritualidade e a teologia franciscana resistem ao utilitarismo puro e duro. Então, o cantor cristão pede que Deus seja louvado, não só pela natureza (isto é, que os céus cantem a glória de Deus, e toda a natureza o faça como nos Salmos e em Daniel), mas também POR CAUSA DA NATUREZA, PORQUE ELA EXISTE, NOS CONSTITUI E NOS RODEIA COM TODA A SUA POTÊNCIA E BELEZA. A natureza não é nossa propriedade, mas, ao contrário, faz parte integrante da Criação divina, como todos os seres humanos também criados do barro pelo mesmo Deus. Não nos é lícito possuí-la e manipulá-la a nosso bel-prazer, como fazemos com espírito de ganância e de cupidez.

A ecologia franciscana, esse amor acendrado pelas plantas e animais, esse cuidar dos pássaros como se fossem irmãos, a própria invenção do presépio vivo, com a presença de bois, jumentos e cordeiros trazidos dos arredores de Greccio, foi possível como reação dialética contra a indiferença do homem urbano à natureza aliada a um consumismo culposos.

## Conclusão

A natureza, no *Cântico das Criaturas*, aparece em si, *per se*, louvá-

vel, admirável, e porque ela existe. e não se cansa de nos oferecer suas dádivas, é justo que agradeçamos e louvemos a seu Criador. A natureza é digna de ser admirada não só porque é bela e forte, mas porque dá sustento ao homem, é irmã solidária e colaboradora da criação.

Note-se que o louvor à natureza se faz não só encarecendo a sua beleza, brilho e pujança (atributos do Sol e do fogo), clareza e beleza (atributos das estrelas), mas também ressaltando a fraterna solidariedade que todos os elementos entretêm com o ser humano. O sol nos ilumina, o vento, o ar, as nuvens e o tempo dão sustento às criaturas. O fogo ilumina a nossa noite. A terra nos sustenta, governa e produz diversos frutos com flores e ervas coloridas. A água não é só humilde e casta, mas útil ao homem e preciosa. Admirável e original é o louvor à Morte,

Como se pode depreender dessa leitura, a poesia é um conhecimento primeiro, “auroral”, como o chamava Croce, e pode preparar o espírito para um outro tipo de conhecimento, filosófico, histórico, e, no caso do Cântico das Criaturas, teológico.

## Referência Bibliográfica

- BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. 3.ed. Paris: PUF, 1988.
- BOAVENTURA, S. *Itinerário da mente para Deus*. Braga: Editorial do Braga/ Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1998.
- FRANCISCO DE ASSIS, S. *Escritos e Biografias de São Francisco de Assis – Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis: Ed. Vozes/FFB, 1997.
- I Fioretti di San Francesco. Garzanti: Milano, 2003.
- JOERGENSEN, Johannes. *Vita de Francesco d’Assisi*. Libreria Internazionale Alberto Reber, 1910.
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- Revista de Estudos Avançados (USP), ano 19, v. 55, 2005.